# Voz d'Arega

Director: ALMIRO MORAIS

· MENSÁRIO REGIONALISTA ·

Preço: 100\$00 (0,5 euros)

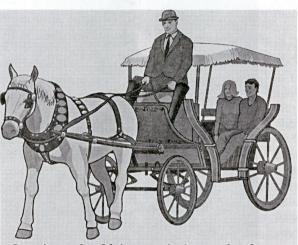
# U.E. APOIA AGRICULTURA FAMILIAR

grande novidade do III Quadro Comunitário de Apoio (QCA), no que ao sector agrícola diz respeito, será o apoio à agricultura familiar, que nos anteriores QCA foi sistematicamente esquecida. Esta medida pretende valorizar a pequena agricultura como motor do desenvolvimento rural, promovendo os produtos regionais de qualidade, a floresta, os serviços agro-rurais, o desenvolvimento tecnológico, recursos hídricos, infra-estruturas, ambiente e projectos de desenvolvimento agrícola. No entanto, a regulamentação das ajudas só será conhecida lá para Maio

agricultura portuguesa vai poder contar com fundos comunitários e nacionais de cerca de 2000 milhões de contos para o período 2000/2006. Esta verba representa um acréscimo de 30% em relação ao Quadro Comunitário anterior e inclui o Plano Ope-racional nacional e regional (antigo PAMAF), o Plano de Desenvolvi-mento Rural (PDR), o programa LEADER e as ajudas no âmbito da Organização Comum de Mercado (OCM).O valor médio das comparticipações para o novo plano Operacional será de 60% na vertente nacional e de 70% na vertente regional, preconizando o Mnistério da Agricultura um novo

modelo de gestão para estas ajudas, com uma maior desconcentração na gestão das 53 medidas de apoio. Ou seja, 30% das verbas afectadas para os planos operacionais serão geridas regionalmente. No entanto, as ajudas não devem entrar em vigor antes de Maio de 2000.

As compensações ao rendimento vão representar grande parte das ajudas globais para a agricultura. São mais de 1000 milhões de contos saídos do FEOGA-Garantia; seguem-se as ajudas ao investimento, do pacote FEOGA-Orientação, com as prioridades a ser dadas ao investimento na modernização das explorações e para a transformação de comercialização de produ-



<u>O turismo de aldeia constitui uma das formas</u> nitárias, que não saíram do <u>de desenvolvimento dos espaços rurais</u> Orçamento de Estado e que são

tos agrícolas, para onde serão canalizados mais de 200 milhões de contos. Destaque ainda para a Formação Profissional, Floresta e Recursos Hídricos que vão contar com 100 milhões de contos, tudo isto no âmbito do PO nacional. No que toca ao PO regional, está-lhe afecta uma verba de 204,3 milhões de contos.

CNA contesta

Nacional da Agricultura (CNA) critica este pacote de ajudas para os próximos seis anos, contestando aquilo que considera ser "a propaganda de números de forma a impressionar a opinião pública com uma chuvada de milhões". Por outro lado, acusa o ministro Capoulas Santos de misturar os subsídios, já que os 2044 milhões de contos representam em mais de 50% ajudas comunitárias, que não saíram do Orçamento de Estado e que são compensações pela perda de

rendimentos devido às baixas de preços dos produtos agrícolas. Estas verbas, segundo a CNA, não permitem alimentar muitas expectativas, até porque, conforme refere em comunicado oficial, "do total do dinheiro público destinado à agricultura, 90% vai parar ao bolso de menos de 10% dos maiores agricultores, proprietários da grande agro-indústria e da banca".

NESTE NÚMERO: ÚLTIMO FASCÍCULO DO FOLHETIM

A Clarinha do Casal dos Ventos

Home page: www/paginarte.pt/vozdarega (actualizada a partir de Maio) • e-mail: vozdarega@mail.telepac.pt

# Ele há coisas...

"brasileirada" está cá em forca este ano de forma tão notória que ninguém lhe pode ficar

indiferente. A "tiazinha" e o "samba" atingem dimensões e expectativas nunca antes imaginadas; as estações de televisão enlouquecem com transmissões em directo, ora de Alcobaça, ora do Rio de Janeiro - onde qualquer semelhança não é pura coincidência, e onde a animação é palavra de ordem. Quem esperava tal encontro de culturas na comemoração dos 500 anos da descoberta do Brasil? À primeira vista, tudo isto parece muito comovente - Portugal festeja em sintonia com os seus "irmãos" brasileiros, entra na brincadeira de carnaval "que ninguém leva a mal" e o resultado aí está, dado como algo a recordar. Mas é preciso atenção. A "brasileirada" não é de hoje - embora possa parecer que sim - e faz mais mal que bem.

m primeiro lugar, essa coisa das "relações de irmandade" que Portugal pratica tem muito que se lhe diga. A julgar pelas declarações dos governantes, a nossa família é enorme: brasileiros, moçambicanos, timorenses, espanhóis, ingleses... Cada um destes povos é apresentado, à vez (note-se), na comoção de certos momentos solenes, como "o" povo irmão a quem se deve isto e aquilo, que tanto pode ser solidariedade como agradecimento, respeito ou qualquer outra coisa. O último dos exemplos é o do povo brasileiro, nesta comemoração conjunta, que quase consegue tapar (junto da opinião pública) o caso mocambicano de forma desrespeitosa. E digo desrespeitosa porque enquanto passeamos os olhos no corpo da

Tiazinha e no balançar frenético do João Baião em cima dos carros alegóricos, os noticiários e a programação televisiva fazem o possível para que aí figuemos - e só aí. Tudo o resto não é carnaval, tudo o resto é tristeza e a vida são dois dias... e por aí fora. É este o efeito da "brasileirada" - serve de estimulante, "lava as vistas", contagia de alegria. Mas é só para isso que serve.

"brasileirada" é a ilusão das A ilusões. A começar pelas telenovelas que nos tornam viciados em



enredos que, na maior parte dos casos, não mais reresentam do que versões mais ou menos elaboradas de "amor e uma cabana" e visões completamente distorcidas da realidade. Quem vive uma vida minimamente "a sério" de trabalho e preocupações de "carne e osso" sabe perfeitamente ao que me refiro. A "brasileirada" domina também, para quem não sabe, nocões que só mesmo por ilusão parecem portuguesas como a de "TV em movimento" representada pelo famoso Big Show Sic, Roda dos Milhões e outros que tais. Foi o brasileiro Ediberto Lima que "trouxe" para Portugal essa pretensa revolução, produzindo todos esses programas. E a "brasileirada" não se fica por aqui. Mas o que se passou estes dias em Alcobaça e em outras cidades é escandaloso.

tudo isso que se passou é ilusão. Não existe. É concebível que os corsos desfilem entoando canções com pronúncia brasileira? Eu não acredito. É concebível que se apresente a Tiazinha como um "sonho" importado, eliminando a possibilidade de existirem cá mulheres tão ou mais belas que a dita? Não acredito. É concebível que se paguem quantias astronómicas a essa e a outras "estrelas" pelo simples facto de que vemos demasiada televisão? Eu não acredito. Veio, mas não acredito. E considero sagrado o direito à indignação.

ue devemos nós ao Brasil afinal? Sim, algo que justifique isto. A resposta, se existe, não é fácil. Muitos desses "irmãos" nossos têm apenas uma "ideia" que Pedro Álvares Cabral era português. Ele há coisas... é que não nos devemos concentrar demais nos "atributos" da Tiazinha podemos levar uma chicotada!



Registos no Instituto da Comunicação Social: Publicação Periódica n.º 117 450 Empresa jornalística n.º 217 449

PROPRIEDADE: ARCA - Associação Recreativa e Cultural INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

> 3250 AREGA (FIGUEIRÓ DOS VINHOS) Contribuinte n.º 501 078 860

### Director: Almiro Antunes Morais • Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira

Colaboradores: Céu Coelho; Alice Baíão Morais; Alice Dias; Dr. Carlos Manuel Alves Ferreira; Dr.ª Helena Serra Fernandes; Dr.ª Irene Borges; Dr.ª Elsa Morais Lopes; Fernanda Morais; Américo Silva Ferreira; António Teixeira Silva; Emídio Borges Gomes (Brasil); Lara Morais; Manuel Conceição Lopes; Manuel Sequeira; Padre Aníbal Henriques; Licínio Ribeiro Gomes; Maria da Glória; Paulo Marçal; Rui Lopes

Redacção: Filial em Lisboa - Trav. Limoeiros, A - r/c dt.º - 1675-877 Famões - Telefone 21 9333194 - vozdarega@mail.telepac.pt Composição, paginação e impressão: A. M. M. M. - Bairro das Queimadas - 1675 Famões - Fax: 21 9331708 Tiragem deste número: 2000 exemplares

Preço avulso: 100\$00 - 0,5 euros (IVA 5% incluído) • Assinatura anual: 1000\$00 (IVA 5% incluído)

«O jornal Voz d'Arega é um órgão independente de informação regional» (do Estatuto Editorial)



### «ESTÓRIAS» E GLOBALIZAÇÃO

NTÃO a palavra história agora escreve-se sem agá?!», questionava-me pessoa amiga, há dias, a propósito do de um textinho que escrevi para este jornal, em que utilizei a mesma palavra.

. Tive o privilégio de privar de perto com Carlos Pinhão (no jornal A BOLA), um dos maiores contadores de «estórias» que conheci (o outro foi Manuel da Fonseca). De vez em quando dá-me prazer reler os seus livros, contam-nos «estórias» deliciosas, como só ele sabia. Beber no quotidiano e transformá-lo, com piada, era a sua arte; escrever com graça sobre futebol fazia igualmente parte dos seus múltiplos talentos (jornalismo, teatro, literatura juvenil, humor, poesia...)

Pois bem, a palavra «estória», hoje de uso corrente, foi inventada por Carlos Pinhão para distinguir a(s) pequena(s) história(s) da grande História (cronológica). Como tantas outras expressões que ele criava para dar cor à prosa, torná-la



mais atrente. «Ai que saudades, ai, ai...» (expressão também da sua lavra). Saudades das «estórias» que ele nos contava nas páginas de A BOLA e... não só! Saudades, também, de Manuel da Fonseca, outro exímio contador de «estórias». Em tempo de novas tecnologias, reler O Fogo e As Cinzas é um exercício saudável para quem aprecia a arte de bem escrever.

Vivemos na era da chamada «aldeia global», com algumas vantagens, é certo, mas cada vez mais a «aldeia global» é o império da CNN e da Sky News, como se viu em relação a Timor e agora à tragédia que se abateu sobre Moçambique. Ou seja: as cadeias de televisão acima referidas (e outras) impõem o que é notícia e quando interessa difundi-la. Só depois de as imagens passarem nessas estações os vários governos se mobilizaram para apoiar Timor e Moçambique. Demasiado tarde, diga-se. Apesar de tudo, ficou bem demonstrada a importância da opinião pública (leia-se mass media), tanto a nível local como mundial. Os governos temem-na e agem quando pressionados.

Vantagens e desvantagens da globalização!

MANUEL SEQUEIRA

# INSTANTÂNEO



NTRE 16 e19 de Fevereiro permaneci quatro dias em Arega: Arejar, conviver, aliviar do stress.

Na recta que precede a Vila, para quem sabe, em frente à casa de meus pais, pareceu-me ter tido uma visão: um arco gigante de altura superior à das casas ali existentes impunha-se no horizonte, várias vezes mais alto que os antigos arcos da festa de Nossa Senhora da Conceição, diferente quer no formato quer na cor.

Momentos depois já tinha interpretado o cenário: tratavase de uma bomba de elevar betão. Iniciava-se o enchimento das fundações do mercado da feguesia de Arega.

Não me contive sem uma visita à obra. Que emaranhado de sentimentos!

Dantes, mercado, só nos Cabaços e em Figueiró. Que pena não ter levado máquina fotográfica. As imagens ficaram registadas, mas só nas minhas retinas e memória.

Antigamente uma construção nova era com «pedra da Loureira »... obrada a barro. A modernidade chegou à nossa terra, o que é muito bom. Parabéns a quem luta por isso.

Certo areguense disse-me há meses, em amena conversa, que eu sou saudosista nos meus escritos. Francamente ainda não me deu para analisar, desse ponto de vista, os escritos que vou enviando para o nosso Jornal. Nem haverá mal algum em certo saudosismo.

Mas então aqui vai uma tirada actual e futurista («prá frentex», no dizer de certos jovens): foi pena que as velhas instalações (talho, tear, etc., ) , que ficam na cara do mercado em construção, não tivessem ficado integradas na estrutura nova com uma aparência moderna e com mais visibilidade para quem passa.

Assim pouco se alterou a aparência, sendo que, em boa verdade, o que nos interessa é a essência. Essa está em construção. Será certamente um "fórum" para encontros de "rapaziadas" saudosistas, futuristas, "derrotados da vida" e de outros cujos ritmos de vida tendem a acalmar-se quando se regressam às origens e a idade avança.

Já agora vou dizer que visitei, logo ali, muitas lápides com fotografias de caras conhecidas... que simplesmente jazem.

Bom é estar vivo! A comunidade e cada um de nós. E ir dando sinais disso!

Um abraço aos amigos areguenses: saudosistas, indiferentes, futuristas, e aos mais ou menos.

> Lisboa, Fevereiro 2000. LICÍNIO RIBEIRO GOMES.

### 13 DE MAIO — DIA MÍTICO DAS APARIÇÕES

## FÁTIMA VAI SER PEQUENA PARA RECEBER O PAPA

confirmação oficial da visita do Papa a Fátima é anunciada à Agência Ecclésia pelo arcebispo Cresenzio Sepe, secretário-geral do Comité Central para o Grande Jubileu, após a chegada do Papa a Itália, depois da visita histórica à Terra Santa.

Conforme noticiámos, a viagem estava a ser preparada, com o objectivo de João Paulo II presidir à cerimónia de beatificação dos videntes Francisco e Jacinta Marto, na manhã do dia 13 de Maio.

O padre Luís Kondor, vice-postulador da causa dos videntes, diz que a cerimónia constituirá um marco na história do Santuário de Fátima, de Portugal e da própria Igreja, pois, pela primeira vez em todo o Mundo, crianças não mártires serão beatificadas. O acto significa ainda, segundo o mesmo eclesiástico, um "reconhecimento mais forte" da mensagem de Fátima e de que "Nossa Senhora vai triunfar com a sua missão como mãe e mediadora de muitas graças", além de que a beatificação "é uma força muito grande para aqueles que apostam em Fátima como um caminho de salvação".

### Da beatificação à santidade — longo caminho a percorrer

O padre Kondor, depois de todo o trabalho que conduziu à beatificação dos pas-



torinhos, mostra-se diposto a tomar em ombros a tarefa com vista à canonização dos videntes de Fátima, o que permitirá o culto universal de Jacinta e Francisco, já que a beatificação só permite o culto em Portugal e em locais autorizados pelo Vaticano.

Só que o processo de canonização, que deverá começar após a beatificação, demorará pelo menos cinco anos e implicará o envio de uma missão de Roma para tratar de todos os trâmites necessários.

Mas antes é preciso que surja um novo milagre. E a partir do dia 13 de Maio, as autoridades religiosas que acompanham o processo ficarão atentas a eventuais curas milagrosas, por intercessão de Francisco ou Jacinta, em qualquer parte do Mundo. Ainda assim, será necessário comprovar

cientificamente que se tratou realmente de milagre e esperar cinco anos após o mesmo para se comprovar que é definitivo.

O processo será em tudo idêntico ao de Maria Emília, curada de uma paralisia sem haver explicação médica, por invocação dos pastorinhos, que esteve na base do presente processo de beatificação.

Espera-se portanto outro milagre, do qual até agora ainda não há conhecimento.

### Será o "Terceiro Segredo" revelado?

João Paulo II vai estar cerca de 20 horas em Fátima durante a sua terceira deslocação ao Santuário, a realizar nos próximos dias 12 e 13 de Maio. A chegada do Papa a Fátima está prevista para o fim da tarde do dia 12 de Maio, cerca das 19.00 horas, e a partida para as 15.50 horas do dia seguinte, revelou o Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim Ferreira e Silva.

Entretanto, especula-se sobre se João Paulo II revelará ou não o chamado "Terceiro Segredo de Fátima", aquando desta sua visita a Portugal. Se tal acontecer, e algumas fontes dão isso como certo, a revelação será feita apenas às autoridades religiosas que o Papa entender merecedoras de acolher o mítico segredo, o que poderá levar a um certo *frisson* entre os altos dignitários da Igreja portuguesa.

### igreja de arega – Virgem Negra destronada



A imagem bizantina original da Virgem Negra, ou de Czestochowa, encontra-se na Polónia e é grande a devoção do Papa por ela

EM todo o País as igrejas lestão a ser assaltadas e a desparecer aquilo a que muitos de nós não ligamos nem damos valor algum, mas as velharias é que estão a andar das igrejas para fora e para onde vão é que não se sabe.

Isto vem a propósito de uma imagem da nossa igreja que, também ela, foi despromovida ou caiu do seu trono abaixo.

Em conversas de família falou-se numa imagem ainda nova que veio para a nossa igreja, oferecida ao saudoso Padre Escaroupa na viagem que fez ao Brasil em visita a uma pessoa de família, também ela ligada à Igreja brasileira. De facto, essa imagem foi-lhe oferecida por um nosso conterrâneo para ser posta na nossa igreja. Ele assim o fez. Estava onde toda a gente a podia ver. Mas essa imagem, ao que parece, já há muito tempo que de lá foi retirada. Houve pessoas que estranharam, mas pensaram que

teria sido mudada para outro lugar. A verdade é que nunca mais a viram e perguntaram-se para onde teria sido ela levada. Foram-se calando até que agora, como a televisão deu o alerta, houve alguém curioso que, numa reunião, falou dessa imagem que nunca mais tinham visto. Afinal, não tinha desaparecido, alguém disse que a tinha visto na casa das arrecadações, ou para melhor as pessoas saberem, no Curral do Burro.

Isto é ridículo, vergonhoso. É uma pena que façam isto a uma oferta a uma pessoa tão saudosa. Qual não seria a surpresa do Sr. Padre Escaroupa se voltasse cá e a não visse! Que resposta seria a das pessoas responsáveis pelos assuntos paroquiais? Ele já faleceu, mas quem a ofereceu ainda está vivo e é natural que em breve cá venha fazer-nos um visita e então, se perguntar pela imagem, quem lhe dará a resposta?

Eu, cá na minha ideia, só vejo duas explicações: a primeira, e que enten-

do daqui, é que em Arega ainda há racismo, pois a imagem representava uma N.ª Sr.ª de raça negra, e onde há racismo as pessoas sentem-se revoltadas e tentam tudo para que essa pessoa ou imagem se suma para muito longe. Acho que também foi racismo terem-na levado para o Curral do Burro. Haverá lá mais relíquias? Ou então, e esta será outra razão, como era a inquilina mais nova talvez fosse muito traquinas, muito chorona e perturbasse as pessoas que para ela olhavam, daí a sua expulsão da igreja para fora. Qualquer que tenha sido a razão, a verdade é que ela foi expulsa.

Estou convencido de que a maioria do povo espera que a alma caridosa que a retirou do seu trono volte a pô-la no lugar escolhido pelo homem que esteve à frente dos destinos desta igreja

durante quatro décadas.

AMÉRICO DA SILVA FERREIRA

### O JULGAMENTO DE HENRIQUE

Joana, ao tomar conhecimento do desaparecimento do seu Roberto, relembrou as palavras que ele lhe dissera à despedida e que no seu íntimo ouvia todos os dias no meio de tanta desgraça que lhe tinha acontecido. Perdeu o uso da razão, andando pelo Casal a chamar pelo seu filho. Henrique, o seu marido, estava alheio a estes acontecimentos, pois ninguém teve a coragem de o informar na prisão onde continuava, ainda à espera de julgamento.

Poucos dias depois apareceram no Casal dos Ventos dois elementos da polícia de investigação criminal, que tentavam descobrir o paradeiro de Rogério, após denúncia dos pais deste, indiciando que o filho teria sido assassinado. Mas o povo manteve-se num silêncio total, não se abriu uma boca para dar qualquer informação sobre a assunto, e os investigadores regressaram a Coimbra sem uma única pista, pelo que o processo, teve de ser arquivado.

Entretanto, o Gregório tentou conseguir as boas graças do irmão do Marquês, que, como único herdeiro, era agora dono do Casal dos Ventos. No entanto, o novo proprietário tinha ódio àquela gente, pois sabia que o seu filho tinha ali sido assassinado, e proibiu terminantemente qualquer trabalho agrícola nas terras que agora eram suas, deixando tudo ao abandono. Aqueles que tinham por ali algumas courelas, que eram poucos, ficaram nas suas casas, os outros foram para lugares limítrofes, onde possuíam algo de seu. E o outrora orgulhoso solar do Marquês a pouco e pouco foi definhando e os telhados começaram a cair por falta de manutenção.

Passados meses sobre os tristes acontecimentos do Casal dos Ventos, soube-se que finalmente o julgamento do Henrique estava marcado para uma

determinada data, sendo as testemunhas arroladas intimadas a comparecer no tribunal de Figueiró dos Vinhos.

Gabriel, que continuava no Casal dos Ventos porque os pais tinham duas pequenas fazendas na Várzea das Pégudas, quando soube da novidade ficou pensativo. E foi sismando que não podia assistir à a condenação de um inocente, acusado por um criminoso.

Na data do julgamento, todos os moradores antigos e actuais do Casal dos Ventos, mesmo aqueles que já de lá tinham saído, compareceram no tribunal, embora as autoridades só tivessem chamado a depor cinco deles, entre os quais Gregório, principal testemunha de acusação. Gabriel foi também, mas muito confuso sobre a atitude que deveria tomar: ficar calado ou contar tudo aquilo a que tinha assistido na noite do assassínio do Julião. Começou a audiência, fazendo-se a leitura do processo como é costume, sendo chamadas as primeiras testemunhas. Um pouco afastado do juiz, entre dois agentes, encontrava-se Henrique, num estado deplorável, precocemente envelhecido, magro, adivinhava-se o seu grande sofrimento. Na frente, sentados nas cadeiras da primeira fila, Gregório e Bárbara, dando mostras de grande inquietação, trocando de vez em quando olhares de entendimento. Naqueles tempos as testemunhas assistiam aos julgamentos como espectadores e iam depondo no decorrer dos mesmos. Foi chamado em primeiro lugar um trabalhador do Casal, de nome António, e o juiz perguntou-lhe o que sabia sobre o crime.

- Eu sei muito pouco, senhor doutor juiz, sobre esse assunto, sei somente que poucos dias antes o senhor Henrique teve uma desavença com o Julião, por motivo de trabalho, o Julião tentou agredi-lo e o senhor Henrique advertiu-o, não sei mais nada.
- E acha que isso foi motivo para levar o réu a cometer um crime de assassínio?
- Eu não acredito nisso, senhor doutor juiz. O senhor Henrique sempre foi boa pessoa, não o acho capaz de fazer tal coisa.

Seguidamente foram chamadas outras testemunhas que nada mais adiantaram além do que tinha sido dito. Por fim, foi chamado o Gregório, que friamente afirmou ter visto o seu vizinho Henrique regressar já de noite, trazendo debaixo do braço aquele embrulho que depois foi encontrado em sua casa, todo manchado de sangue, mas a maior prova da sua culpa no crime foi que o golpe sofrido pela vítima tinha sido provocado pela navalha enxertadeira que lhe pertencia.

- E é capaz de afirmar que foi o réu a desferir o golpe? perguntou-lhe o juiz
- Sim, senhor doutor. Porque embora todos digam que é boa pessoa, eu conheço-o bem e acho que ele é muito fingido. Por isso eu afirmo que foi ele, sem dúvida, o assassino do nosso companheiro de trabalho.

Gabriel, que como se disse assistia como espectador ao julgamento, não pôde conter-se por mais tempo e num acto de revolta levantou a voz, exaltado, e, apontando Gregório, gritou:

— Mentiroso infame! Queres desgraçar esse homem e tirar-lhe a liberdade, mas não o vais conseguir, porque eu vou aqui dizer que quem matou o pobre Julião foste tu, grande patife.

Gerou-se grande burburinho e todos os olhares se voltaram para o local onde Gabriel se encontrava. O juiz, com duas pancadas na mesa, chamou a sala à ordem e ordenou a dois bedéis que trouxessem aquela inesperada testemunha junto dele. Quando Gabriel se acercou, entre dois guardas que o seguravam, o magistrado ordenou que o soltassem e disse-lhe com voz calma:

— Segundo a lei, desrespeitar um tribunal dá direito a ir para o calabouço. Mas atendendo a que ainda és um jovem, posso livrar-te disso se me responderes com toda a sinceridade a esta pergunta: sabes alguma coisa importante que possa comprovar aquilo que afirmaste há pouco?

Gabriel, subjugado perante o poder daquele homem de leis, apenas conseguiu balbuciar:

- Sim, senhor doutor juiz. Eu assisti a esse crime horrível.
- Bom, meu rapaz, ficas então oficialmente arrolado como testemunha.

Em seguida, ordenou ao escrivão que procedesse aos trâmites legais e que instruísse a nova testemunha para fazer o juramento de lei.

Entretanto, Gregório ficara branco, e Bárbara, sua mulher, desmaiou, tendo de ser assistida por um funcionário do tribunal.

A uma ordem do juiz, Gabriel começou o seu depoimento, contando como vinha de Arega, já de noite, e se apercebeu do que estava a passar-se no caminho que vinha dos Cabaços.

- Então e o que é que viste? perguntou o juiz.
- Senhor doutor juiz, eu vi um reflexo, que me pareceu de um faca, que depois se espetou num vulto. Ouvi um grito abafado e um baque e voltei a ver outro reflexo de qualquer coisa que caía. Pouco depois um vulto fugia para

os lados do Casal dos Ventos, enquanto outro ficava no chão. Fiquei paralisado de medo.

Gregório, que ouvia com raiva surda, não se conteve e gritou-lhe:

- E como é que sabes que era eu, meu fedelho?
- O juiz nem teve tempo de interromper porque Gabriel, encolerizado, respondeu de pronto:
- Ah, pois! Julgavas que não existiam testemunhas? Pois eu vi-te assassinar o pobre Julião, e fui eu que depois de cometeres aquele horroroso crime, e quando ganhei coragem, apanhei do chão o relógio que tu deixaste cair quando assassinaste aquele teu pobre companheiro de trabalho!

E puxando do bolso um relógio com uma corrente meio partida, exibiu-o a todos e continuou:

— Olha bem para ele! Toda a gente do Casal dos Ventos sabe que este relógio é teu. Porque só tu e o Ti' Henrique é que tinham relógio. Até havia quem dissesse que o tinhas roubado, o que não me admira nada...

Um enorme alarido perpassou mais uma vez pela sala de audiências, até que com duas vigorosas pancadas o juiz chamou novamente os presentes à atenção:

— Ordem!, ordem! Isto é um tribunal e tem que haver respeito, senão... advertiu, e virando-se depois para Gregório perguntou-lhe se aquele era ou não o seu relógio e se o tinha perdido ou não nas circunstâncias que tinha acabado de ouvir.

Gregório ficou perplexo, nunca pensou que tal viesse a acontecer-lhe, não teve coragem para desmentir as acusações e apenas balbuciou, entre dentes, mas de forma que toda a gente ouviu:

Estou desgraçado!

Então a confusão generalizou-se na sala do tribunal, com os presentes a quererem vingar-se daquele que os tinha enganado levando-os a acreditar que o assassino do pobre Julião fora Henrique. Embora o juiz clamasse por ordem, os bedéis de serviço foram impotentes para tomar conta da situação. Na sua ânsia de se livrar da ira popular, Gregório foi-se escapulindo como pôde, não sem ter levado uns quantos socos e pontapés que eram desferidos um pouco ao calhas no meio de todo aquele caos. Quando deu por si estava a um passo da saída do tribunal e não pensou duas vezes: lançou-se porta fora, derrubando dois guardas que entretanto acorriam para tentar dominar a situação, e desatou a correr para longe da vila, aproveitando o factor surpresa. Embrenhou-se depois na floresta e o seu rasto desapareceu.

Em face destes acontecimentos, o julgamento foi anulado e Henrique declarado inocente, sendo posto em liberdade.

Foi então tomando conhecimento dos nefastos acontecimentos ocorridos no Casal dos Ventos, durante a sua ausência, como o desaparecimento do filho e a doença mental contraída por sua mulher, motivada pelos enormes desgostos sofridos. De facto, estranhara a ausência das suas visitas há algum tempo e quando começou o julgamento correu os olhos pela sala para ver se ela estaria presente. Na altura muitas coisas lhe passaram pela cabeça, mas estava num estado tal que nada lhe interessava e até compreendia que eventualmente a mulher o tivesse abandonado, supondo-o um assassino. Mas agora sabia que afinal ela sofrera bem mais do que ele, e só desejava poder ajudá-la e cuidar dela, tentando que esquecessem em conjunto as desgraças com que a vida os tinha castigado.

Juntamente com ele regressaram os outros moradores ao Casal dos Ventos, agora com as propriedades do Marquês abandonadas. Esta importante unidade agrícola estava a começar a criar silvas e mato, o que para Henrique, que ali tinha empregue o seu esforço e saber a dirigir os trabalhos da lavoura, era uma dor de alma.

E ao entrar na sua casa, quando ouviu a mulher a chamar ininterruptamente por Roberto, abraçou-se a ela, chorou e prometeu a si mesmo abandonar aquele local o mais depressa que lhe fosse possível, tentando assim fugir de recordações que só lhe traziam tristeza.

### **EPÍLOGO**

Nesta fase da narrativa, que escutávamos há mais de uma hora sem já nos lembrarmos que tínhamos ido ali para caçar, o velhinho interrompeu-se e notámos que uma enorme tristeza lhe atravessava o semblante, com uma lágrima teimosa a deslizar-lhe pela face.

— Os senhores desculpem, mas quando me lembro de como isto era na minha mocidade não me contenho que não chore. Onde vêem mato e estevas era lindas e belas searas. Árvores de fruto não faltavam, enfim aqui era um cantinho do Paraíso. Mas paciência, nada é eterno!

Com palavras de apreço e compreensão incentivámos o ancião a terminar a história que nos prendia ali, desejosos de saber se o assassino tinha escapado, enfim, como tudo tinha terminado.

— Bem — prosseguiu o velhinho —, o patife do Gregório tinha-se embrenhado na Mata do Engenho e alcançou o Zêzere, acima da Cova de Eira, onde conseguiu atravessar para o outro lado. Nunca parou durante a noite, e ao outro dia já se encontrava para cima da Sertã, escondendo-se então nos enormes matagais da região.

la mitigando a fome com fruta que encontrava nas propriedades que por onde passava, e uma vez por outra arriscava comprar mantimentos em tabernas de aldeia, já que levava algum dinheiro consigo.

Chegou mais tarde à ponte das portas do Ródano, por alturas de Vila Velha, entrando finalmente no Alentejo.

Cansado, pela longa caminhada, de dia deitava-se no mato para evitar ser visto e de noite prosseguia jornada por caminhos que não conhecia.

Passou nos arredores de Portalegre e, já perto da serra de S. Mamede,

encontrou um pastor junto do seu rebanho, a quem se dirigiu dizendo que era também pastor mas andava fugido, por causa de ter dado uma tareia num homem que lhe tinha roubado uma cabra, o qual deixou às portas da morte, e por isso procurava um local onde o não pudessem encontrar. O pastor, depois de ouvir esta tremenda mentira, teve pena dele e disse-lhe que bastante longe dali, já na região de Évora, existia uma localidade de nome Monsaraz, onde havia um couto de homicidas e ali poderia estar defendido, trabalhando na agricultura. Gregório, de posse destas informações, tomou direcção do referido couto, onde chegou alguns dias depois. Repetiu a mesma história que tinha contado ao pastor, sendo integrado no rancho dos trabalhadores, todos eles criminosos como ele, beneficiando da impunidade inerente ao local.

Durante algum tempo conservou-se honesto, vivendo pobremente com o magro salário que recebia, que nem sequer dava para matar a fome. Entretanto notou que um seu companheiro possuía reservas de mantimentos e pensou logo em roubar alguns. Só que quando cometia o latrocínio foi surpreendido pelo dono, também um perigoso assassino, que com uma foice lhe decepou as duas mãos. Gregório ficou impossibilitado para o trabalho e, não podendo apresentar queixa contra o agressor, porque seria também preso, caiu na maior miséria, mendigando para comer. Morreu pouco tempo depois, de fome, sendo enterrado num local deserto.

Quanto a Bárbara, sua mulher, nunca teve notícias do marido, e como todos os outros deixou também o Casal dos Ventos. Quando estava sozinha chorava e dava muitos ais de arrependimento pelo muito mal que tinha feito ao Mundo. Nos Cabaços, onde de vez em quando ia fazendo alguns serviços que lhe davam para viver muito pobre e prematuramente envelhecida, acabou por morrer abandonada por todos num curral de ovelhas onde por favor a deixavam dormir. Dizia o povo, depois da sua morte, que quem passasse pelo Vale Ladrões a altas horas da noite ouvia de dentro dois pinheirais uma voz cavernosa, dando ais e mais ais, julgando-se que era a alma penada de Bárbara, que por ser tão má nem o Diabo a tinha deixado entrar no Inferno.

Henrique, cumprindo a promessa que tinha feito a si próprio, juntou as economias que tinha e comprou uma horta junto ao caminho de Arega, onde mandou construir uma casinha, montando nela uma venda, a qual deu o nome ao lugar, a que ainda hoje se chama Venda do Henrique. Com a tran-

quilidade do sítio e a mudança de ambiente, Joana, sua mulher, foi recuperando a estabilidade mental, mas sempre chorando o seu querido Roberto.

Como os senhores vêem, o tempo destruiu quase todos os vestígios do Casal dos Ventos e também já levou todos aqueles que eu conheci e estimei, mas não conseguiu apagar em mim a lembrança dos tempos em que aqui vivi, até me mudar também para os Cabaços. Eu e meus pais fomos os últimos moradores deste lugar que agora é só ruínas. Venho aqui muitas vezes para matar saudades e também para recolher lenha que vendo nos Cabaços, recordando ao mesmo tempo e à distância a minha mocidade e pedindo a Deus que em breve me leve a fazer companhia aos meus companheiros de outros tempos.

- E algum vez se soube alguma coisa acerca do desaparecimento de Roberto? — perguntámos, curiosos.
- Olhem, senhores, há dois anos realizou-se um funeral no cemitério de Arega que deixou muito comovido o coveiro — respondeu o velhinho. — Ao abrir a cova numa campa de que ninguém se lembrava de quem era, depararam-se-lhe dois esqueletos juntos no mesmo esquife, que ele afiançava estarem abraçados. Foi o última cova que abriu, pois jurou nunca mais incomodar o sossego dos mortos.

Depois, o velhinho sacou de um relógio de bolso que nos mostrou:

— Este é o relógio que apresentei ao juiz em Figueiró, como prova do crime do velhaco Gregório. Nunca me quis desfazer dele, pois acho que foi Deus que me fez guardá-lo naquela noite fatídica, já lá vão perto de 80 anos. Máquina boa esta, bem melhor que o antigo dono. Ainda funciona, embora com um pequeno atraso, e está a dizer-me que são horas de arranjar um feixe de estevas para levar até aos Cabaços. Fiquem-se com Deus e boa caçada, se ainda tiverem disposição para isso!

Despedimo-nos do ancião e ficámos ali, em silêncio, a vê-lo recolher as estevas e a cogitar no que tínhamos acabado de ouvir. Depois, dobrámos as espingardas e encetámos o caminho de regresso, sem caça à cintura mas com uma história no bornal que dificilmente esqueceríamos.

FIM